



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 18 de Abril de 1981 * Ano XXXVIII — N.º 968 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

O IRMÃO SOFREDOR

«Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?

Clamo de dia e não me respondeis, clamo de noite e não me prestais atenção.» Diz o salmo de Sexta-Feira Santa.

O Irmão sofredor é Cristo crucificado.

Os soldados colocaram nos Seus ombros um trapo vermelho, bateram e cuspiram-Lhe na face!

Depois, a cruz e a morte entre dois irmãos!

Ficou do lado dos Fracos, dos Pobres e daqueles que sofrem dores na alma e no corpo. Uma segunda encarnação.

Assim... quando vejo os irmãos de África: nas suas cubatas com chão de terra; luando é cama; só a roupa do corpo e funje com ervas — é Ele.

Ele, todos os dias, crucificado, na América Latina: nos mortos da guerra; grupos de refugiados; bairros pobres e favelas!

Nas prisões de todo o mundo e leitos de dor, lá está o Irmão sofredor — em contínua Sexta-Feira Santa!

Também, a Sua imagem viva no rosto ansioso, vazio e torturado do Homem ocidental!

E, bem perto da nossa Casa, sempre presente — naquela mãe de oito filhos e três de-

les deficientes físicos e mentais!

Num pai, rico de bens materiais e espirituais, a face esmagada de dor e na cruz... (seus filhos drogam-se e só falta cuspirem-lhe!) Mas... infinita vastidão de amor! Nas faces amarguradas desses filhos, bem real, a imagem do Senhor!

Que ideia fazem os Homens do Irmão-Deus-Sofredor, vivo em todos os irmãos do mundo? A busca afanosa dos próprios interesses e a corrida aos bens materiais — conduziram-nos ao esquecimento dos Outros e, portanto, do Senhor Deus.

Nossa civilização não só nos desviou d'Ele, como, todos os dias, vai tirando alguma coisa à nossa paz, ao silêncio, aos rios e montanhas!

Ela nos escraviza e arrasta... O Homem vítima!

Não realizado!
Cheio de angústia!

Quase infeliz!
Páscoa — amêndoas, bolos e folares. Encontro de famílias.

Encontro com Deus?
Ressurreição?

Sim. A d'Ele e a nossa.

Que o nosso Irmão ressuscitado aumente a nossa fé.

Padre Telmo

Calvário

Estamos a celebrar mais um Ano Internacional — o do Deficiente. Como sempre nestas circunstâncias, aparece muito boa gente a apoderar-se do tema proposto para sobre ele proferir toda a espécie de discursos.

Aqui e além vão, pois, surgindo notícias sobre encontros e semanas. Outro dia, psiquiatra amigo, apontava-me as paredes do hall dos serviços onde trabalha, repleto de folhas anunciadoras de colóquios.

— São uns atrás de outros. Este ano não pára!

Mas, palavras são fáceis de dizer e promessas de realizações igualmente não custam a emitir. Porém, a grandeza dos projectos é quase sempre o entrave à concretização dos mesmos. Ora, este ano, as linhas orientadoras apontam, sobretudo, para uma melhor colocação do deficiente dentro do esquema assistencial e quase somente, porquanto os quadros de educação especial e de promoção e integração social vão ser ainda excepção para alguns. Continua a prioridade da assistência. É que o deficiente é, normalmente, encarado como alguém que tem de ser assistido no seu handicap e bastará isso — pensa-se — para o tornar de certo

modo feliz. Ora os deficientes, até mesmo os mais mentalmente profundos, mais do que assistência precisam, sobretudo, de valorização de si-mesmos. Em lugar de encargo social, eles querem ser olhados antes como contributo para o bem de todos. Aliás, isto mesmo deveria ser dito de todos quantos estão debaixo da alçada da Assistência Social.

O Leopoldo andou muitos anos aos cuidados da Assistência privada e pública. Com paralisia progressiva, havia crises de comportamento que o levaram ao hospital. Veio, trabalha para os outros naquilo que pode e é outro.

A sr.ª Maria veio de maca para ser amparada nos derradeiros dias do seu viver. Mas estes parecem cada vez mais longe. Recuperada, parece outra. Quem trata da nossa poílga? Ela. Quem olha por alguns dos mais pequeninos aca-

mados? Ela. Quem dá a mão na cozinha? Ainda ela. Sempre ela e tantos deles em todos os recantos deste recanto, onde chegam clamores diários duma multidão que bem precisava de aqui estar, mas não é acolhida pela pequenez do espaço e das vidas humanas dedicadas e disponíveis.

É, pois, de rever todo o esquema assistencial no nosso País. Muito mais do que assistir, importa descobrir os caminhos de valorização pessoal de todo o homem. Ninguém nasce para ser simplesmente parasita.

Há especialistas, hoje, em todos os domínios. Parece-me que seria bem proveitoso que alguém se debruçasse na descoberta dos meios de promoção de todo o incapacitado, não apenas físico, mas tam-

Cont. na 4.ª página



Cont. na 3.ª página

AQUI LISBOA!

Escrevemos no «Dia Mundial do Doente». Ao fazê-lo não poderíamos deixar de os ter bem presentes no espírito, habituados que fomos a visitá-los nos hospitais, nas suas casas ou em lugares impróprios para a vida humana, contemplando as suas dores e comungando dos seus sofrimentos, no mais profundo respeito pela pessoa humana que há em cada irmão em dificuldade.

Estamos, entretanto, no «Ano Internacional dos Deficientes». Não queremos deixar, pelas mesmas razões, de assinalar o facto. Um cristão, na linha do

Mestre, não pode, sob pena de contradição, deixar de viver em pleno os problemas que lhes são próprios, contribuindo, na medida do possível, e segundo o seu grau de capacidade, para que os seus direitos sejam assegurados, numa integração absoluta na sociedade a que todos pertencemos.

Dados atinentes a 1978 referem que há no mundo cerca de 459 milhões de diminuídos físicos e mentais. Para Portugal aponta-se o número de 300 mil ou mais. No capítulo dos invisíveis, por exemplo, temos cerca de 20.000, o que

corresponde a uma das mais elevadas percentagens entre os países da Europa. São números aterradores, a exigirem esforços sérios, de todos e de cada, a começar pelas pessoas investidas em autoridade.

O Papa João Paulo II, atento como está aos problemas dos homens, teve ocasião de se referir na Sua mensagem do princípio do ano — «A paz entre os homens e os povos é o fruto da fraternidade» — ao assunto dos deficientes. Disse que «é necessário considerarmos a

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

FESTAS — Já com algumas saídas, por algumas terras daqui do Norte, o nosso grupo festeiro preparou-se para mais uma chegada ao Coliseu. Apesar da greve dos transportes colectivos, a sala esteve cheia e com um público acalorado. O mesmo de sempre. Voltamos ao Coliseu a 3 de Maio, domingo, às 11 horas da manhã.

Nas restantes localidades, tudo corre harmoniosamente e com boa disposição. Os seus povos, muito carinhosos, recebendo-nos de braços abertos, e recebendo também a nossa alegria e simpatia. Que tudo continue assim, neste conjunto harmonioso!

BATATA — Aqui em Casa estamos a semear a batata há algumas semanas. Para já três campos foram semeados e outros dois com erva para o gado. O tempo tem-se apresentado chuvoso, o que dificulta a sementeira. Mas a tempo lá se vão semeando. A terra molhada custa um pouco, mas, com calma, lá se vai andando. Homens e rapazes, ali trabalhamos para deixar os campos o mais arranjados possível. Enfim, um trabalho duro, mas ao fim saberemos tirar proveito dele.

FUTEBOL — Não sei que mal fez a nossa equipa para não aparecerem outras para jogar connosco. Algumas vêm de longe a longe; outras, talvez, uma vez por ano! Mas, contudo, ainda há quem nos queira defrontar.

Assim, no passado domingo, defrontámos uma equipa e vencemos por 3-2.

Jogo bem disputado de ambos os lados, marcando a nossa baliza o «Passarinho», que, por sinal, deixou entrar dois golitos. Na segunda parte entrou o «Mestre», para seu lugar.

E que bem que ambos defendiam...

«Salsichas»

Tojal

FESTA — Já estão fixadas as datas para os dois únicos encontros que iremos ter com os nossos Amigos.

Não que os Amigos sejam tão poucos que justifiquem apenas dois espectáculos, mas porque esta actividade descontrola bastante a vida normal da Casa. Assim, estaremos no Monumental a 10 de Maio e em Loures, no cinema dos Bombeiros, a 16 do mesmo mês. Na página das Festas verão mais pormenores.

Entretanto, continuam os ensaios em ritmo acelerado. Bastante trabalho, o que às vezes nos tenta ao desânimo. Mas também a alegria da colaboração de todos e o despertar sobretudo nos mais novos, para o contacto com os outros vencendo a timidez e revelando capacidades que, em alguns casos, nos surpreendem.

Quanto aos produtos de pintura e maquiagem, que aqui pedimos, já recebemos alguns. Porém, em relação às cabeleiras e aos manequins é que ainda não veio nada. Pelo menos até ao momento em que escrevo. Se pu-

derem ajudar-nos ficaremos muito gratos.

LÁS — Na rouparia, as camisolas de lã para coser são muitas. Mas há falta de lãs em fio para as remendar. Portanto as Amigas que lá em casa, ou na loja onde trabalham, tenham novelos que pensam não vir a utilizar, atendam este pedido e facilitem o trabalho às senhoras da rouparia. E penso que também deve haver algum armazém de lãs capaz de ajudar. Há sempre uns restos de colecção...

Jorge

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Quanto aos problemas referidos em o número transacto, nós não podemos ficar quietos. Temos de agir. São Cristos crucificados em morte lenta — num longo calvário!

Agora, o recoveiro dos Pobres chega de visita àquela mulher, separada do marido, que precisa de casa — ora amontoada, com os filhos, no pardeiro dos avós.

O vicentino quer ver o milagre realizado. Suspira fundo. E relata:

— O conselho de família já decidiu local para levantar a moradia e nós vamos entrar com os materiais...

Fechamos os olhos. Colocamos tudo na mão de Deus. E vamos arrancar já!

Nestas andanças não podemos ser mornos, nem prudentes, nem fazer estimativas. Se a obra é precisa, se há quem sofra imerecidamente, entregamos a obra nas mãos de Deus e Ele será o Construtor — servindo-Se de quem entender, na hora própria. É um acto de fé.

Do mesmo modo aquele homem que comprou sua casa às cegas, inacabada, sem escritura, sem formalidades — «a gente faz as cousas com simplicidade...» — também a este homem doente botamos a mão sem fazer contas. Ai de nós se as fizéssemos!

A fome, a doença, a miséria estampada na cara desta gente, conflagra. Não nos faz sossegar. E é esta inquietação que transmitimos do fundo do coração.

Estamos na Quaresma. Celebramos os passos dolorosos de Jesus — até à Ressurreição. Vamos ser participantes na ressurreição destes Pobres. Vamos anunciar a Páscoa. A passagem dum para outra Vida — como os apóstolos, naquele tempo. Vamos testemunhar a Boa Nova da Ressurreição!

● Aquela Viúva, muitas vezes aqui falada, com uma data de filhos deficientes, já começaram a fazer justiça — ao fim de meia dúzia d'anos! E porque surgiu, pelo meio, um grupo de Trabalhadoras de uma Caixa de Previdência de Setúbal, que fez das tripas coração e mexeu a papelada com eficácia. Este grupo de Mães sentiu, em sua carne, a miséria imerecida da Viúva e deu, implicitamente, um oportuno exemplo, na medida em que o problema não

lhes dizia respeito — e aqui reside o mais importante.

Pois a Viúva acaba de receber 190 contos de retroactivos da pensão. Uma pequena fortuna! Foi preparada para receber a importância. E, sobretudo, para aplicar a verba no melhor sentido.

— Ai, meu senhor, mesmo assim ando com dores de cabeça...! Isto é um milagre! Eu rezo ao Senhor todos os dias por vocês. Eu rezo...

Foi ao Banco depositar grande parte da importância, o excedente das necessidades.

Já não é miserável. Não precisa de mendigar. Tem o suficiente. Fez-se justiça. Primeiro justiça! A Caridade vem por acréscimo...

— Eu dou muitas graças ao Senhor. Não me esqueço de rezar, todos os dias, por vocês...

Oh riqueza!

Lá foi, d'olhos molhados e alegria estampada no rosto.

Grças a Deus!

PARTILHA — Amigo de Oliveira do Douro aparece com Mensagem oportuna:

«Incluo um cheque para a Conferência e agradeço uma oração ao

Céu para que Deus nos dispense as Suas Graças, que sejam Força que acompanhe sempre o nosso esforço para sermos persistentes na procura do Senhor, fazendo segui-lo em tudo.»

Assinante 2418, de Bombarral, 500\$00. «Uma portuense qualquer» recomeça «com muito gosto a enviar migalhinhas para a Conferência» e pede «ao Senhor ajude a ter presente as necessidades dos Outros e a partilhar com eles do fruto do meu trabalho». Que partilha!

Mais 100\$00, no Espelho da Moda, «por alma de Albertina». Em discreto sobrescrito d'algures, 500\$00. Assinante 7769, do Porto, 200\$00 e muito feliz por graça concedida. Em vale de correio, 3.000\$00 de Paço de Arcos, partilha de vencimento mensal, muita doação e amizade pelos Pobres.

Engenheiro amigo, de Espinho, 1.000\$00 e um forte abraço. M. P., de Coimbra, 500\$00 «para alguma necessidade urgente da Conferência e peço desculpa da insignificância». Delicadeza cristã.

Alto lá! Agora é um grupo de recoveiros dos Pobres, partilhando com os de Paço de Sousa:

«Tive conhecimento do emocionante caso da Viúva a braços com a assistência aos filhos e ainda a dívida de 18 contos ao desumano credor e mais 11 contos de imposto ao Estado.

Emocionado, apresentei o caso na reunião da Conferência masculina de Nossa Senhora do Amparo, de que faço parte, em Lisboa, sugerindo enviássemos algo de ajuda.

Todos os confrades presentes concordaram, tendo sido estabelecido esta nossa Conferência dar mil escudos, e eu o envio fazer.

Porém, foi isto já há semanas; mas, por um misto de circunstâncias várias, só agora consigo desempenhar-me da incumbência, enviando por meio de cheque a referida quantia de mil escudos.»

A presença destes Amigos, oficiais do mesmo ofício, é para nós um estímulo. Não importa o atraso — que o problema foi resolvido pelos nossos leitores oportunamente. Importa, sim, as mãos dadas, na mesma Cruzada. Um abraço para todos. E até sempre.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

De costumeiros em dia de S. José, Rio Tinto, 12 contos e um saco de rebuçados. Do Algarve, vale de 2.100\$ de «duas dívidas que não tenho oportunidade de pagar, por desconhecer o paradeiro dos interessados». E cheque de 5.000\$ de Areosa. Outro cheque, 15.000\$, de Aveiro. Mais 1.000\$ de Alcobaca. 1.000\$ do Porto. E a habitual caixa com vinho do Porto, que todos os anos pelas festas natalícias nos chega de Poças Júnior. 2.000\$ de Guimarães. 5.500\$ do Porto. 2.500\$ de Lisboa. 500\$ de Funcionários do A. M. 1 de Maceda. E 3.000\$ de Santo Tirso. E várias presenças do nosso Silva Porto.

Em cumprimento dum promessa, 5.000\$ do Porto. 2.000\$ de Prediantas. 90 camisas de Dunil Confecções. E 2.000\$ de Felisbela. Selos usados de Mafra. Cheque de 3.000\$ de Maria Olívia. 5.000\$ de Arrifana. E 1.700\$ de um grupo de Amigos de uma secção da Caixa Geral de Depósitos, no Porto. Anónima com 5.000\$. Mais 10.000\$ de algures. 3.000\$ da Rua Azedo Gneco. Sacerdote amigo, de Valongo, 2.000\$ como prenda de aniversário de O GAIATO. E 1.000\$ do Porto, de uma graça recebida. Dum mealheiro, 1.280\$. Por alma de Adelino Andrade, 500\$. Cheque de 12 contos, de Lisboa. De um grupo de Empregados do BNU, na Praça da Liberdade, 2.900\$. Ass. 25183, com um cheque de 50.000\$ e muito carinho por todos nós.

E da Amadora, os 150\$ em selos de correio, que nos chegam todos os meses. 1.300\$ de Vila Moreira. Em sufrágio de Ana da Conceição, 50\$. Envelope com 5.000\$ e mais nada. 300\$00 de Elvas, retirados à reforma. E 2.400\$ de um grupo de amigos que se reúnem na Igreja do Cansado em Castelo Branco. E 1.000\$ de Lisboa, no aniversário do falecimento de Armando Sousa Magalhães. 2.000\$ do Porto. 666\$ de Lisboa, percentagem de 10% sobre um prémio do tobolola. 6.000\$ por alma de João Victor. E 1.000\$ de uma das muitas Marias de Portugal. «Amiga do Henrique com 2.250\$. De Clara 300\$ e 100\$. Anónima com 1.000\$. Igual quantia de Tomar, «pelo nascimento do meu filho Pedro». Deus o abençoe.

Três mil escudos do Porto, percentagens do 13.º mês. 1.000\$ de Lisboa. 5.000\$ por alma de Joaquim Correia Lucas. 500\$ de professora de Vila do Conde. Dum aumento de reforma, 1.000\$. Anónimo com 5.000\$. Mais 1.000\$ de Águas Santas. Por mãos amigas de Águeda, 1.000\$, sendo 500\$ de anónimo de Portimão e os outros 500\$ de Maria da Conceição. 300\$ de Évora. Do Nicho de N.ª S.ª da Conceição do Mercado do Bolhão, 7.500\$. Alice com 1.000\$. Cheque de 20.000\$ do Porto. Das alunas da Escola n.º 5 de Vila do Conde, em memória dum colega falecido, 6.135\$40. Amiga de 93 anos, com 500\$ e muito

amor. Ass. 29430, com 10.000\$. De «duas avós muito felizes», 500\$.

Cheque de 2.000\$, «duma indemnização que me foi atribuída pelo Tribunal», de Aveiro. Ass. 32858 com 1600\$. De Mário Alexandrino, entregue pela Mãe Irene, 500\$. De «uma alentejana», 1.500\$. Confecções Rossi, da Rua do Heroísmo. E 1.000\$ em sufrágio da Dr.ª Elvira Eduarda Arriscado Nunes. L. L. com 2.000\$. Mais 300\$ de Matosinhos, por alma de Rogério. 400\$ de Castelo da Maia. De Esmeralda, 1.200\$. De uma promessa, 1.000\$ do Porto. 20 metros de flanela de Benedito Barros, L.da. De uma graça recebida, 2.000\$ da Invicta. Artigos de escritório e relógios, de amigo de Urros — Moncorvo. 500\$ do aumento de reforma, de Braga. 500\$ de Lisboa. 2.000\$ de Castelo Branco. Lucinda com o seu primeiro ordenado, 4.465\$.

De um trabalho extra, 9.000\$ de Paço de Arcos. Gulpilhares, cerca de 13 contos. António com 1.000\$ por uma graça recebida. E 2.000\$ de madrinha e afilhada. De um «Zé ninguém» de 80 anos e na passagem de mais um aniversário de casamento, 1.000\$. Ass. 23541, de Santarém, com cheque de 2.500\$. Por alma de Armando de Oliveira, 1.000\$.



Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

humanidade como única grande família, na qual todas as categorias de pessoas devem ser reconhecidas e acolhidas como irmãos... Voltemos de modo especial o nosso pensamento e a nossa solicitude... para aqueles que se encontram em particulares condições de necessidade e esperam que os ingentes recursos, destinados a construir instrumentos de destruição recíproca, sejam pelo contrário usados para as urgentes obras de socorro e de melhoramento das condições de vida». E depois de referir que só a debilidade mental ataca cerca de 3% da população mundial, afirma: «A ciência e a medicina oferecem mensagem de esperança e ao mesmo tempo de compromisso em favor de toda a humanidade. Se ao menos uma mínima parte do «orçamento» para a corrida aos armamentos fosse transferida para este objectivo,

Mais 500\$ do Porto, de A. R. R. C. B. De uma promessa, 1.000\$ da Rua Carlos Dubini. Louças de Secla, Caldas da Rainha. 200\$ de uma graça recebida. 500\$ de Lordelo — Guimarães. Por alma de Elvira Santos, 1.000\$. E 500\$ de Preciosa. Ass. 25742 com cheque de 6.000\$. Mais 10.000\$ do Porto. E vale de 510\$, «nos meus 51 anos, pedindo uma Avé-Maria pela Paz no meu lar e no mundo».

Excursão de S. João da Madeira com 1.581\$. De Lagos, 500\$. E 3.000\$ do Porto. Franqueira & Gameira com a presença habitual. E 2.000\$ de Setúbal. De Ermesinde, as mensalidades de Janeiro e Março, que somam 3.240\$. De Leiria, a presença também mensal, com 2.000\$. De Braga, 3.000\$. E da Póvoa de Varzim, 1.500\$. «Velha assinante», de Monte Estoril, com 200\$. Vários artigos da Fábrica de Malhas Mondego, chegados por intermédio da Câmara do Comércio Americana em Portugal. E 1.000\$ de Portalegre, de quem se apresenta todos os meses. E mais um vale, este de 600\$, dos alunos do 1.º e 2.º anos do Ciclo Preparatório TV de Britiande — Lamego, fruto de pequenas renúncias. Como nos sabem bem estas ofertas!

O Senhor vos pague.

Manuel Pinto

poder-se-iam conseguir importantes resultados e poder-se-ia aliviar a sorte de numerosas pessoas que sofrem.»

Que as palavras anteriormente citadas sejam meditadas por todos nós, «numa renovação da fraternidade que una os débeis e os fortes no caminho comum da divina vocação da pessoa humana», ao contrário do que tantas vezes sucede na vida do dia-a-dia, em que os doentes profundos e os deficientes, em geral, são considerados antes de terceira categoria, quando não totalmente marginalizados, sem pruridos de consciência e até no esquecimento paradoxal de que qualquer de nós é, por natureza, um potencial enfermo ou deficiente.

Habitados como estamos em só falar em direitos e a exigir os «nossos» direitos, esquecemos os deveres. Por outro lado, na visão pragmatista e de eficiência das coisas, só olhamos para os cifrões e para as estatísticas, despidas da roupagem humana que lhes é essencial e deve presidir a

todo o processo, porque tudo deve estar ao serviço do homem e para ele deve convergir.

Quantos desperdícios e quantos dinheiros malbaratados, na vida pública e na vida privada, que poderiam mitigar situações delicadas ou resolver mesmo questões graves? Quantas coisas prioritárias ficam no esquecimento, passam para segundo plano ou se adiam, enquanto perduláramente se vão delapidando os valores? Quereis um exemplo concreto? No Alcoitão, o único centro de recuperação digno desse nome, existente no País, a piscina encontra-se (ou encontrava-se) avariada ou impossibilitada de funcionar há bastante tempo. Como entender uma situação destas ou de outras do mesmo jaez? Entretanto, os doentes necessitados de exercícios natatórios, têm-se visto obrigados a recorrer a piscinas particulares, com as concomitantes sobrecargas monetárias e as dificuldades inerentes.

Os doentes ou diminuídos são pessoas que nos devem merecer o máximo respeito e a maior das considerações, nos planos individual, familiar e social. Há muita coisa a rever e a fazer para que tal seja

uma constante. Leitor amigo, que lês estas despreziosas palavras, talvez tenhas que reflectir connosco sobre o tema aflorado e não te esqueças — e queira Deus que não — que um dia também a doença ou a deficiência profunda nos poderá bater à porta. Façamos já aos Outros aquilo que desejáramos, então, para nós. É aquilo, aliás, que o Evangelho nos diz e, ao menos, neste

ponto, não deverá ser difícil, julgamos nós, obter a concordância da maioria.

FESTA — Esperamos que, quando este número de O GAIATO sair, já poucos bilhetes haverá. Lembramos aos retardatários que as filas da frente não se multiplicam e que há muitos Amigos com assinaturas de há longos anos!

Padre Luiz

PARTILHANDO

O dia estava a acabar e uma história linda ia começar. Edgar e «Balela» subiam as escadas traseiras da sua casa. São dois «batatinhas», um de cabelos louros e outro de olhos grandes e expressivos. Conversavam calmamente enquanto subiam. Eu ouvia, só. Lá, no cimo das escadas zangaram-se e o «Balela» deu uma bofetada no Edgar. Um choro amargo e uma doce conversa a seguir. Oíçamos:

— «Dá-me uma bofetada também» — diz o «Balela». O choro continuou e a resposta não veio. «Balela» insiste, mas em vão. Então levantei-me para ver o diálogo mais rico entre duas crianças. Ouvi e vi o fim de toda aquela maravilhosa conversa: — «Se não queres dar a bofetada, toma lá o meu pão» — acabou assim o «Balela». O Edgar aceitou e a paz voltou.

A linguagem mais simples e mais profunda de relação entre os homens está aqui. A bofetada transformada em pão tem o sabor da Paz. É a educação com amor... A regra da educação!

Quem ensinou ao «Balela» tal regra? Os livros? Ele só tem 5 anos e nem é menino-prodígio! Mas já sente que os seus direitos acabam quando os direitos dos outros começam. O Pão! A Justiça! O Amor! A Educação! Sabe oferecer a face a quem deu a bofetada... E sabe ainda dar o pão...

Esta sabedoria não é dos livros, nem da cabeça dos doutores. É a sabedoria do coração dos «Balelas» de todo o mundo!

O nosso é um «Balela» de 5 anos! Ainda não foi à Escola, mas já dá lições práticas de pedagogia. Tem aqui dois irmãos mais velhos: o «Tomate» e o «Engenheiro». É tudo gente fina, vinda dos lados de Torres Novas!

Quando vieram choravam muito com saudades. Era tão bom que pudessem estar juntos da mãe... Agora, andam felizes e até o mais novinho sabe como é que se enxugam as lágrimas de um companheiro que chora...

Vão crescendo assim para a vida fazendo o seu mundo crescer também.

Padre Horácio

Padre Moura

TRIBUNA DE COIMBRA

Outra vaca teve outro vitelinho. Mais alegria por mais uma vida.

Para os mais pequenitos, que ainda não têm escola e andam sempre na zona dos currais a ver os ovos a sair das galinhas, os pintainhos regalados a debicar a ração e a água, os vitelinhos a lambem-lhes as mãos, para os mais pequenitos foi uma festa.

Os mais velhinhos e mais responsáveis queriam antes que nascessem vitelinhos. Vitelinhos para as cuidarmos e haver mais vidas e mais leite. Mais vidas, mais carne, mais leite, mais vidas.

«Se temos a Casa tão cheia de rapazes, porque não havemos de ter os currais também cheios de animais?»

Há momentos esteve aqui um jornalista a fazer uma reportagem.

— «Então continuam a viver do vosso trabalho da quinta e da ajuda dos Amigos?»

Sim. Queremos continuar a viver do nosso trabalho, para o qual pedimos a ajuda e bênção de Deus e queremos continuar a viver com a ajuda dos nossos Amigos e assim lhes oferecemos o jornal, o testemunho da nossa palavra nas igrejas, a nossa mensagem de alegria e amor nas Festas. Vida partilhada.

Que bom podermos partilhar vida!

FESTAS — Aveiro, a primeira das grandes terras, deu o tom. O calor do palco foi bem recebido pela grande assistência e a sala começou a estar em chama e ficou em chama. Toços procuraram viver em festa do princípio ao fim. Só assim as nossas Festas são o que todos queremos que sejam: todos a fazer a Festa e festa em todos.

Na despedida Padre Telmo salientou a grande tónica que dominou: o acolhimento, o carinho. É isto o que todos nós

mais precisamos. É esta a grande fome do nosso tempo. Recordou aqueles três barcos que aportaram àquele país distante onde a fome dizimava quase toda a população. Um barco carregado de ervilha; outro carregado de soja; outro carregado de papas. Não houve uma pontinha de carinho. Tudo se estragou. Deitavam tudo aquilo estragado aos animais. Com um pouco de amor aqueles três barcos matariam muita fome àquela gente que continuou esfomeada.

Antes de partir tivemos de passar pela grande sala ao lado que estava com mesas postas e em cima das mesas muitas coisas boas para comer e para beber. Um mundo de embrulhos e muitos mimos a encher o longo balcão. A volta muitos Amigos a viver connosco o prolongamento da Festa. Vamos continuar assim a nossa Festa.

As nossas Festas

Mais do que nunca me falta este ano título para falar das nossas Festas. Nada contribui para elas. Fui um espectador tardio. E não conto funcionar senão uma vez ou outra como motorista da Companhia. Mas há um pormenor de relação com o passado que me não deixa resistir à tentação de meter a colherada.

Trata-se do Coliseu; da tradicional enchente que não falha mesmo com sérios obstáculos.

Tenho nos meus ouvidos a voz de Pai Américo numa das primeiras Festas. No Rivoli apresentava-se, no mesmo dia, uma famosa Companhia de Ballet. Não que, na verdade,

ele fosse dos mais perigosos concorrentes! Mas ainda assim, Pai Américo não deixou de referir a sua surpresa por um Coliseu repleto, «estando aí o Marquês de Cuevas a dançar».

De outra vez foi uma grande concentração no Palácio de Cristal. Agora o caso era mais sério. Um sacerdote muito amigo, que o Senhor já levou da Terra, confessava-me o seu susto. Pois na hora da Festa o Coliseu regorgitava.

Outro momento menos calmo foi em período eleitoral, o último ou penúltimo antes de 1974. Os ânimos andavam muito exaltados. A gente pacata não saía à noite. A bilheteira esteve muito fria até perto da

hora. Nós pensávamos:—Desta é que vai ser...! Pois não foi. O nosso público, mesmo os mais tímidos, deixaram o medo em casa e sobre a hora foi uma corrida à bilheteira... e a lotação esgotada.

Este ano havia uma dificuldade muito forte: a greve dos Transportes Colectivos. A maior parte da nossa gente não tem carro. Muitos moram na periferia. O tempo não estava seguro. Tudo parecia jogar contra. Como haviam de vir as pessoas e, sobretudo, regressar à noite?! Cá pelo meu lado fui mentalizando os «artistas» para uma sala com muitas clareiras: — Não há de que admirar! Vocês não se perturbem! A ausência de muitos está mais do que explicada! Não é por desinteresse; é que não podem mesmo!

Afinal, onde as clareiras?! Eu não sei, na verdade, como vieram as pessoas nem como regressaram. De taxi?, a pé?, à boleia?... Fosse como fosse, a presença maciça do nosso

público a encher a vasta sala, foi, só por si, um festival de boa vontade, de ternura, de fidelidade, a que os nossos Rapazes corresponderam com brio, com alegria no desempenho da revistazinha singela mas em bom ritmo que a todos encheu de satisfação.

A Festa foi quinta-feira. Sexta, sábado e domingo foi quinzena de venda do jornal. Eu fiquei no Porto e andei por lá. A Festa não acabara. Quantos encontros de regozijo, sobretudo de pessoas modestas que nunca vão a um espectáculo senão ao nosso! «Eu cá por mim — dizia-me uma que vive de uma pensão muito pequenina — queria que houvesse festa todos os meses! A gente sacrificava mais um bocado, mas era uma consoladela!»

Meus Deus!, quem merece tanto amor? Eu fico tão pequenino! E queria muito que

os nossos Rapazes dessem fé deste carinho com que Deus compensa o nosso trabalho e o nosso esforço de sermos bons e encontrássemos nele alicerce e estímulo para sermos muito melhores.

Em Aveiro encheram-nos de tantos mimos que para os trazerem para Casa, quase foi preciso repetirmos a proeza daqueles vinte e sete jovens metidos num «Mini», de tão cheias as nossas carrinhas quando chegou a hora de entrarem os Rapazes! Antes do fim, Júlio e eu, mesmo sem acharmos P.e Telmo e lhe pormos a questão, resolvemos não pôr capas à saída. Pois foi o Povo quem as veio buscar e as encheu: «Então?!», é o costume e nós contamos com elas!

Em Espinho foi quase da mesma sorte.

E já agora deixem-me dizer que, tal como nos últimos anos, onde houver festa e capas à saída, estas serão para ajudar a cobrir casas de Auto-construtores. Assim continua a Festa. A nossa vida é sempre Festa. Deus seja bendito!

Padre Carlos

ZONA NORTE

ABRIL

29, às 21,30 h — Cinema S. Geraldo—BRAGA
Bilhetes à venda: R. Santa Margarida, 8 e bilheteiras do Cinema S. Geraldo.

MAIO

3, às 11 h da manhã — COLISEU DO PORTO
Bilhetes à venda: Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e bilheteiras do Coliseu.

6, às 21,30 h — Amaranthe Cine-Teatro AMARANTE

8 " " " — Cine-Teatro João Verde MONÇÃO

15 " " " — Cine-Teatro Ribeiro Conceição — LAMEGO

ZONA CENTRO

ABRIL

25, às 21 h — Salão dos Bombeiros MIRANDA DO CORVO

MAIO

1, às 15,30 e 21,30 h — Teatro Avenida COIMBRA
Bilhetes à venda: Casa do Castelo, R. Sofia e bilheteiras do Avenida.

2, às 21,30 h — Casa do Povo de MIRA

3, às 15 h — Cinema do Casino Peninsular FIGUEIRA DA FOZ
Bilhetes à venda na Tulmar.

8, às 21,30 h — Teatro-Cine da COVILHÃ
Bilhetes à venda: Jerónimo Santos (Seguros) e bilheteiras do Teatro.

9, às 15,30 h — Cinema Gardunha - FUNDÃO
Bilhetes à venda: Casa da Beira e bilheteiras do Gardunha.

10 " " " — Cine-Teatro Avenida CASTELO BRANCO
Bilhetes à venda: Casa Pinto, Papelarias Semedo e Elias Garcia.

15, às 21,30 h — Cine Teatro de TOMAR
Bilhetes à venda: Armazém Barateiro e bilheteiras do Cine-Teatro.

ZONA SUL

MAIO

8, às 21,30 h — Luisa Tody — SETÚBAL

9, " " " — Sociedade Quinta do Anjo PALMELA

10, " " " — Humanitária de PALMELA

10, às 11 h da manhã — MONUMENTAL

16, às 15,30 h — Cine dos Bombeiros Voluntários — LOURES

Bilhetes à venda nos locais do costume.

CALVÁRIO

Cont. da 1.ª página

bém mental. Contudo, quando é que lá chegaremos?

É um desafio à nossa capacidade criadora que nos é pedido. Não sei se a política actual vai pelos mesmos caminhos de antanho em que ouvi da boca dum responsável esta linda sentença: — «Enquanto houver normais não podemos pensar nos anormais». (Referia-se ele aos deficientes mentais.) Será que hoje a bandeira da vitória ainda vai só a meia haste?... Enquanto houver deficientes físicos não se vai pensar nos deficientes mentais? E, depois, (quando se pensar nestes) enquanto houver deficientes mentais ligeiros não se pode pensar nos deficientes profundos?

Eu tenho para mim que o primeiro passo a dar será o de saber-se quantos são realmente os deficientes. Para mais estamos no ano do censo. Será mais um esforço colectivo. E por cento que o conhecimento exacto da sua dimensão virá a ditar urgência no tratamento dum problema que a muitos inquieta.

Mas sem ser muito pessimista vejo que o ano em celebração vai ficar-se, quando muito, pelos problemas dos deficientes físicos e de alguns deficientes mentais mais ligeiros; que é onde se podem colher resultados mais imediatos e palpáveis, já que a mentalidade contemporânea não investe senão onde pode colher.

E com os deficientes profundos, a colheita é morosa e tantas vezes ingrata. Por isso, estes últimos vão ficar praticamente ignorados.

Padre Baptista

CARTA ABERTA AOS EX-GAIATOS

Não era este termo de ex-Gaiatos — mas de Gaiatos antigos — que eu gostaria de usar para me dirigir a todos vós.

Tal como Júlio Mendes anunciou no nosso Jornal de 21 de Março, estamos de facto a organizar um Encontro, em Paço de Sousa, de todos os Gaiatos espalhados por esse mundo fora. Vai ser num fim de semana (17, 18 e 19 de Julho). Bem sabemos que é uma pena que não seja no dia 16 de Julho. Mas é um dia de trabalho e o trabalho tem raízes muito profundas na vida de todos os Gaiatos. Está, pois, programado que sairemos de Lisboa às 15 horas de 6.ª feira, dia 17 e regressaremos, possivelmente, à mesma hora do dia 19.

Gostaríamos de saber, quanto antes, quem poderá estar presente neste Encontro para podermos organizar e contratar o transporte. Convinha que cada Gaiato se fizesse acompanhar da respectiva Esposa; não para darmos a sensação de sermos muitos, mas sim para dar o sentido familiar que Pai Américo sempre sonhou.

Assim, para a Zona Sul, as inscrições podem ser canalizadas para os seguinte locais:

Rosioler, Rua Augusta, 189, Telef. 360209-360912 — Eurico do Carmo Moreira. Scarpa, Lda., Rua das Flores, 43, Telef. 323364 — Cândido Pereira. Casa do Gaiato do Tojal — Manuel dos Santos.

Os da Zona Centro entrarão em contacto com o Carlos Manuel Trindade, da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, que depois fará o favor de informar a Comissão Organizadora de maneira a que possamos contar com lugares a partir de Coimbra.

Para os da Zona Norte que, como se espera, vão ser em maior número, temos o Quim Carpinteiro, em Paço de Sousa, para receber as adesões a esta iniciativa.

Queremos alertar o Manuel dos Santos e o Carlos Trindade para o facto de verem os vossos nomes nestas andanças, sem vos termos dado cavaco..., mas não fiquem zangados.

Pontanto, caríssimos, vamos estar em força nestes dias de festa dos 25 anos de Vida Gloriosa de Pai Américo e dar razão ao Júlio Mendes quando diz: «Será uma jornada de consagração que ficará assinalada nos anais da Obra da Rua».

A Comissão

Eurico do Carmo Moreira

Manuel António

Sanches

Cândido Pereira



Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560-PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa